
“*KNOWLEDGE-BASED VIEW*” (KBV) – UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA ÁREA DE GESTÃO ESTRATÉGICA DE OPERAÇÕES

Antonio Thomaz Pacheco Lessa Neto

Mestrando e Bolsista CAPES – Mestrado em Administração - PUC-SP

MBA Executivo em Gestão de Org./Negócios e Estratégia em Marketing – UFRJ/CCJE

Pós-Graduado em Administração Industrial – USP

Graduado em Engenharia de Produção

tplessa@ig.com.br

RESUMO

Objetivo principal deste estudo foi analisar trabalhos considerados científicos com abordagem voltada para o tema KBV apresentados nos três periódicos internacionais que abordam as mais importantes publicações acadêmicas, voltadas para a área de GEO (JOM, POM e IJOPM), que estão classificados com os mais significativos fatores de impacto (FI) de periódicos científicos indexados ao JCR da Thomson Reuters, e também com os melhores parâmetros da CAPES-o Qualis Internacional categoria A1. Podemos dizer que a KBV, ainda considerada por muitos como emergente, foi desenhada sobre a literatura de gestão estratégica. Com base numa pesquisa documental nos 28 artigos encontrados nestes periódicos, os resultados revelam que: artigos finais da amostra concentram-se num período de 11 anos; maioria dos trabalhos tinha dois autores; tipo de pesquisa mais adotado foi a empírica; método de pesquisa preferido ficou igualmente distribuído entre Survey/Outros.

Palavras-chave: *Knowledge-Based View (KBV)*; Bibliometria; Gestão Estratégica de Operações.

1 INTRODUÇÃO

Não é novidade que “a crescente intensidade e dinamismo da concorrência nos mercados de produtos tem provocado profundas implicações para a evolução do pensamento da gestão estratégica durante os anos 1980 e 1990. O aumento da turbulência do ambiente de negócios externo tem concentrado a atenção sobre os recursos e capacidades organizacionais, como a principal fonte de vantagem competitiva sustentável e as bases para a formulação da estratégia. Como os mercados para os recursos ficaram sujeitos às mesmas condições dinamicamente competitivas que vêm afligindo os mercados de produtos, então o

conhecimento emergiu como o recurso mais estrategicamente importante da empresa” (GRANT, 1996a, p.375).

De acordo com Paiva e outros (2009, p. 18), em suas palavras: “Tudo e todos estão mudando drasticamente: a economia, os mercados, os consumidores, os concorrentes e a tecnologia”.

Logo, toda a empresa não só no Brasil, mas em todo o mundo, está de certa forma envolvida “em ambientes de grandes mudanças” (PAIVA *et al.*, 2009). E sobreviver nestes ambientes exige de cada empresa, inicialmente, entender os tipos de desafios que estão por vir, para depois identificar as possíveis ameaças e só então tomar as devidas “ações básicas” (PAIVA *et al.*, 2009) para combatê-las.

Oportunamente lembramos, agora, da pesquisa de Jordan e Michel (2000, citado por PAIVA *et al.* 2009), no final dos anos 1990, onde foram identificadas várias ameaças e para as quais estes pesquisadores sugeriram as seguintes ações estratégicas importantes:

- ⇒ desenvolver uma mão-de-obra sólida e treinada;
- ⇒ desenvolver, gerenciar e usar o conhecimento;
- ⇒ utilizar sistemas avançados de manufatura, processos, equipamentos e tecnologia;
- ⇒ e integrar as diversas fontes de vantagem competitiva.

Neste ponto, percebemos a importância de ampliarmos nosso entendimento dos determinantes da vantagem competitiva em ambientes de mercados dinamicamente competitivos, analisando também com mais atenção e profundidade o papel do conhecimento na competência organizacional.

Trazendo novamente Grant (1996a) que estabeleceu “os rudimentos de uma teoria do conhecimento da empresa” - baseando-se em quatro grandes correntes teóricas: a competição como um processo dinâmico, a visão baseada em recursos da empresa, capacidades e competências da organização e conhecimento e aprendizagem organizacional – e apropriadamente estabeleceu no centro desta teoria “a idéia de que o papel primordial da empresa, e a essência da capacidade organizacional, é a integração do conhecimento” (GRANT, 1996a, p.375).

Com base na *RBV (Resource-Based View)*, Hult et al (2006) sugeriram que, além de seu papel nas empresas, o conhecimento pode, do mesmo jeito, contribuir substancialmente

para um “recurso estratégico” intangível nas cadeias de abastecimento (cf. GRANT, 1996b; HULT et al, 2002, 2004).

Recordando mais uma vez o trabalho de Grant (1996a) onde ele “explora a forma como o conhecimento é integrado para formar a capacidade organizacional, e passa a identificar as características das capacidades que são associadas à criação e sustentação da vantagem competitiva nos mercados dinamicamente competitivos, incluindo a realização de uma integração flexível através de bases de conhecimentos múltiplos” (GRANT, 1996a, p.375).

Voltando para Paiva e outros (2009, p.20), encontramos esta passagem que dá continuidade perfeitamente coerente com esta discussão:

Integrar as diversas fontes de vantagem competitiva implica, necessariamente, analisar a gestão da produção dentro de um enfoque muito além do chão-de-fábrica. Essa visão permeia várias funções gerenciais que, de uma forma ou de outra, influenciam a gestão de operações e a agregação de valor à empresa. Diferente do que apregoava Taylor no final do século XIX, não existe mais “uma maneira de fazer as coisas” (“one best way”). Da mesma forma, é impossível ser bom em tudo para todos. Hoje, o diferencial competitivo vem de fazer certas coisas melhor e diferente do que os outros. E decidir o que fazer melhor e diferente é a principal tarefa do gestor de operações.

Antes de finalizarmos esta introdução, trazemos o alerta de Hult e outros (2006) para o fato do conhecimento ter “sido investigado sob vários nomes, incluindo aprendizagem organizacional, orientação para o mercado, e empresa de criação do conhecimento” (HULT *et al.*, 2006 p. 458).

Concluindo, como bem disseram Hult e outros (2006), “independentemente dos termos utilizados, os temas ao longo deste trabalho são de que o conhecimento pode servir como um recurso estratégico intangível e, como tal, é crucial para os esforços de criar valor de forma única, inimitável e intransferível (WERNERFELT, 1984, 2005)” (HULT *et al.*, 2006 p. 458).

Assim, este trabalho apresenta, inicialmente, um referencial teórico acerca da origem e desenvolvimento tanto da *RBV (Resource-Based View)*, quanto da *KBV (Knowledge-Based View)*, passando pela apresentação dos conceitos e metodologias sobre a abordagem bibliométrica. A seguir são descritos a metodologia adotada, bem como os resultados da pesquisa e as conclusões, limitações e futuras pesquisas, seguidos das referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RBV (RESOURCE-BASED VIEW)

Inicialmente, vale lembrar que qualquer teoria deve apoiar-se sempre em trabalho teórico prévio com o intuito de desenvolver suas previsões e prescrições. Como bem lembraram Barney e Clark (2007), a teoria baseada em recursos (*Resource-Based Theory - RBT*) não é diferente e também lançou mão de trabalho teórico prévio vindo de pelo menos quatro fontes diferentes, a saber conforme resumido no Quadro 1 a seguir:

QUADRO 1 - TEORIAS ANTERIORES À “RESOURCE-BASED THEORY” – RBT - MONTADO PELO AUTOR

Teorias anteriores à <i>Ressource-Bases Theory – RBT</i>	Breve discussão
1. o estudo tradicional de competências distintas	<p><i>"Por que algumas empresas persistentemente superaram ("outperform") outras?"</i></p> <p>à esta pergunta, estudiosos, por um bom tempo, tentaram responder e ,antes mesmo das abordagens econômicas começarem a dominar esta discussão (iniciada com Porter, 1979), os esforços focaram-se no que ficou conhecido como competências distintas (<i>distinctive competencies</i>) de uma empresa.</p> <p>Nota: competências distintas (<i>distinctive competencies</i>) são os atributos de uma empresa que lhe permitem perseguir uma estratégia mais eficiente e efetivamente do que outras empresas (Learned et al 1969;. Hrebiniak e Snow, 1982; Hitt e da Irlanda de 1985, 1986) - citados por Barney e Clark (2007).</p>
2. a análise de Ricardo da renda da terra	<p>Pesquisa sobre gerentes gerais e líderes institucionais como possíveis explicações das diferenças de desempenho da empresa concentra-se exclusivamente nos gerentes do topo da organização, mas a influência principal seguinte na evolução da análise da teoria baseada em recursos (<i>"Resource-Based Theory" – RBT</i>) - análise de Ricardo sobre as rendas da terra - tradicionalmente incluiu pouco ou nenhum papel para os gerentes como possíveis fontes de desempenho superior. Em vez disso, David Ricardo estava interessado nas consequências econômicas da "<i>original, unaugmentable, and indestructible gifts of Nature</i>" (Ricardo, 1817). Muito deste trabalho precoce concentrou-se sobre as consequências econômicas da posse de terras - citado por Barney e Clark (2007).</p>
3. Penrose (1959)	Em 1959, Edith Penrose publicou um livro intitulado " <i>The</i>

	<p><i>Theory of the Growth of the Firm</i>". O objetivo de Penrose foi compreender o processo através do qual as empresas crescem e os limites do crescimento. Tradicionais modelos econômicos tinham analisado o crescimento da empresa usando as hipóteses e as ferramentas da microeconomia neoclássica (Penrose, 1959). O mais importante deles, para Penrose, foi o pressuposto de que as empresas poderiam ser adequadamente modeladas como se fossem funções de produção relativamente simples. Em outras palavras, os modelos econômicos tradicionais assumiram que as empresas simplesmente observavam as condições de oferta e demanda no mercado e traduziam estas condições em níveis de produção que maximizavam os lucros da empresa (Nelson e Winter 1982) - citados por Barney e Clark (2007).</p>
<p>4. estudo sobre as implicações antitruste da economia</p>	<p>Como campo de estudo, a economia tem sido sempre interessada nas implicações político-sociais das teorias que desenvolve. Um dos mais importantes caminhos que tem sido utilizado pela economia para orientar a política social está na área de regulação antitruste. Com base na conclusão de que o bem-estar social é maximizado quando os mercados são perfeitamente competitivos, os economistas têm desenvolvido várias técnicas para descrever quando uma indústria é menos do que perfeitamente competitiva, quais são as implicações sociais desta imperfeita concorrência, e quais os remédios, se houver algum, estão disponíveis para melhorar a competitividade e restaurar o bem-estar social (Scherer, 1980) - citados por Barney e Clark (2007).</p>

Fonte: BARNEY, J. B., CLARK, D. N., 2007. *Resource-Based Theory - Creating and Sustaining Competitive Advantage* - Oxford University Press - págs. 4-12

Talvez a primeira publicação da teoria baseada em recursos na área de gestão estratégica identificada como tal foi por Wernerfelt (1984). Ironicamente, os argumentos baseados em recursos de Wernerfelt não foram criados diretamente de qualquer uma das quatro tradições teóricas acima identificadas no Quadro 1. Em vez disso, o argumento de Wernerfelt é um exemplo de raciocínio dualista comum em economia. Este raciocínio sugere que é possível rever a teoria originalmente desenvolvida a partir de uma perspectiva com conceitos e idéias desenvolvidas em uma perspectiva complementar (ou dupla).

Uma das principais contribuições Wernerfelt (1984) foi o reconhecimento de que a competição por recursos entre as empresas, com base em seus perfis de recursos, poderia ter implicações importantes para a habilidade das empresas em obter vantagens na implementação de estratégias de mercado do produto. Desta forma, Wernerfelt antecipou alguns dos elementos críticos da teoria baseada em recursos como ela se desenvolveu na década de 1990.

No mesmo ano em que Wernerfelt (1984) publicou o seu *paper*, Rumelt (1984) publicou um segundo *paper* de *Resource-Based* em um livro de leituras saindo de uma conferência sobre gestão estratégica. Embora estes trabalhos abordassem tipos de questões semelhantes, eles não se referem um ao outro. Enquanto Wernerfelt (1984) focou em estabelecer a possibilidade de que uma teoria de diferenças de desempenho da empresa poderia ser desenvolvida em termos de recursos que uma empresa controla, Rumelt começou a descrever uma teoria estratégica da firma, isto é, uma teoria que explica por que existem empresas focadas na habilidade das firmas de gerar de forma mais eficiente rendas econômicas, do que outras formas de organização econômica.

O terceiro artigo de *Resource-Based* publicado na área de gestão estratégica é o de Barney (1986). Semelhante ao de Wernerfelt (1984), Barney (1986) sugere que é possível desenvolver uma teoria de desempenho superior permanente da empresa com base nos atributos dos recursos que a empresa controla. No entanto, Barney (1986) vai além de Wernerfelt (1984), argumentando que essa teoria pode ter implicações muito diferentes do que as teorias de vantagem competitiva baseadas nas posições do mercado de produtos das empresas. Assim, Barney (1986) inicia uma mudança do que poderia ser chamado de visão baseada em recursos (*Resource-Based View - RBV*), em direção ao que é atualmente chamada de teoria baseada em recursos (*Resource-Based Theory – RBT*).

Dierickx e Cool (1989) estenderam o argumento de Barney (1986) ao descreverem o que é, sobre os recursos que uma empresa já controla, que pode torná-lo possível para que aquele recurso possa gerar resultados econômicos. Na sequência da discussão de Rumelt (1984), de mecanismos de isolamento, Dierickx e Cool (1989) sugerem que os recursos que estão sujeitos a deseconomias de compressão de tempo – o que os outros (ARTHUR, 1989) têm chamado de *path dependence* -, que são causalmente ambíguos, que se caracterizam por estoques de ativos interconectados, ou que são caracterizadas pela eficiência em massa de ativos são menos propensos a serem sujeitos de fator estratégico para a concorrência no mercado do que outros tipos de recursos

Juntos, esses quatro documentos, Wernerfelt (1984), Rumelt (1984), Barney (1986), e Dierickx e Cool (1989), esboçam alguns dos princípios básicos da teoria baseada em recursos (*Resource-Based Theory – RBT*). Estes trabalhos sugerem que é possível desenvolver uma teoria de desempenho superior permanente da empresa, utilizando os recursos de uma empresa como unidade de análise. Estes trabalhos também descrevem alguns dos atributos

que os recursos devem possuir para que possam ser uma fonte de desempenho superior sustentado da empresa – conceitos de Rumelt (1984) de valor e mecanismos de isolamento e uma noção de Barney's (1986) que os recursos já controlados por uma empresa são mais propensos a ser uma fonte de rendas econômicas do que outros tipos de recursos. Eles também sugerem que é o conjunto de recursos únicos possuídos por uma empresa que pode permitir que uma empresa obtenha e mantenha desempenho superior.

É claro que uma grande quantidade de trabalhos tem seguido esses quatro primeiros, mas vamos encerrando esta breve revisão teórica da *RBV - Resource-Based View* por aqui e deixemos estes outros vários e inúmeros artigos para uma próxima pesquisa mais aprofundada deste assunto tão abrangente.

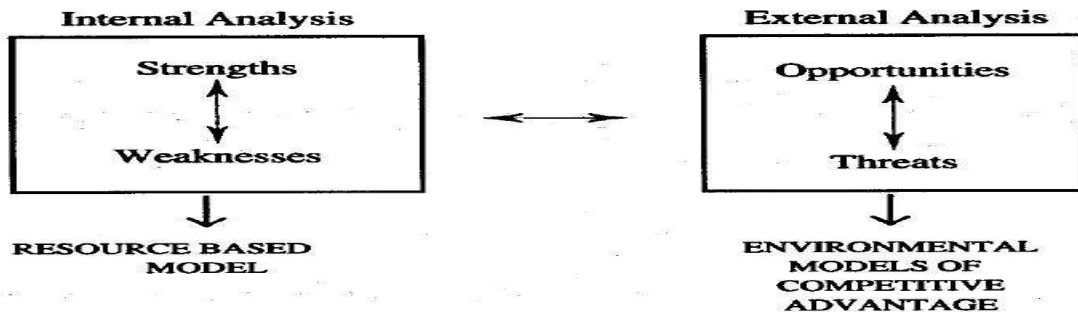
2.2 KBV (*KNOWLEDGE-BASED VIEW*)

Nesta parte do trabalho, dedicada a uma breve revisão teórica da *KBV - talvez ainda considerada por muitos como emergente* – que, como já dissemos no início, foi desenhada sobre a literatura de gestão estratégica - *incluindo: Argote, 1999; Barney, 1991; Grant, 1996a,b,1997; Hayes, 2002; Kogut and Zander, 1992; Nonaka, 1994; Udo and Kogut, 1995; Schroeder et al., 2002, Spender, 1996* - resolvemos concentrar nossa atenção única e exclusivamente nestes artigos destes autores mencionados.

Estes **mesmos** autores serão listados a seguir em ordem cronológica (e não alfabética) crescente junto com um breve resumo de cada um destes artigos, justamente para nos dar uma idéia da evolução dos tipos de abordagens que cada um destes autores preferiu analisar ao longo do tempo, como se fosse uma linha do tempo (“*timeline*”) resumida da *KBV*:

⇒ **Barney, 1991** - *Firm resources and sustained competitive advantage*: as empresas adquirem vantagem competitiva sustentável pela implementação de estratégias que exploram suas forças internas, dando resposta às oportunidades do ambiente, enquanto neutralizam ameaças externas e evitam fraquezas internas. A Figura 1 abaixo apresenta um *Framework* proposto pelo próprio Barney em seu artigo e que resume, esquematicamente, muito bem esta relação entre a tradicional análise *SWOT*, o modelo baseado em recurso e modelos da atratividade da indústria.

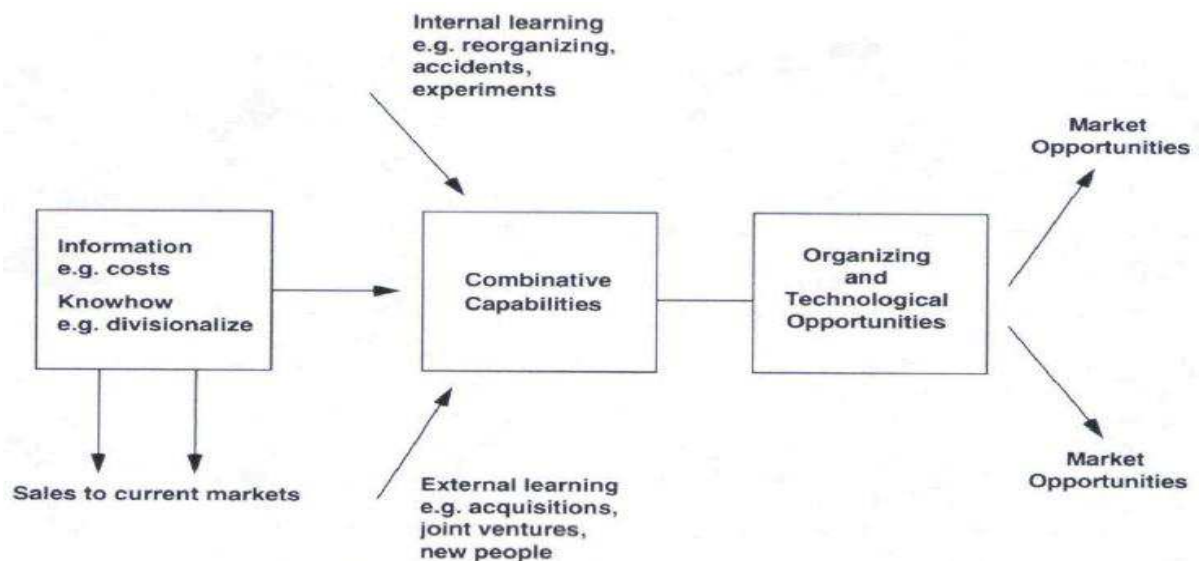
FIGURA 1 - *FRAMEWORK* DO RELACIONAMENTO ENTRE A TRADICIONAL ANÁLISE *SWOT*, O MODELO BASEADO EM RECURSO E MODELOS DA ATRATIVIDADE DA INDÚSTRIA



Fonte: Barney, 1991 p.100 (original em Inglês)

⇒ **Kogut and Zander, 1992** - *Knowledge of the firm, combinative capabilities and the replication of technology*: os autores desenvolveram neste artigo o argumento de que o que as empresas fazem melhor do que os mercados é a partilha e a transferência do conhecimento de indivíduos e grupos dentro da organização. Logo abaixo (depois das Referências) temos a Figura 2 representando o *Roadmap* do crescimento do conhecimento da empresa proposto por estes dois autores neste seu trabalho aqui referenciado.

FIGURA 2 - *ROADMAP* DO CRESCIMENTO DO CONHECIMENTO DA EMPRESA



Fonte: Kogut and Zander, 1992 p.385 (original em Inglês).

Este conhecimento é composto de informações e de “*know how*”, conforme sumário apresentado no Quadro 2 a seguir sugerido pelos autores neste artigo pesquisado.

QUADRO 2 - SUMÁRIO DO ARGUMENTO DOS AUTORES

	Individual	Group	Organization	Network
Information	-facts	-who knows what	-profits -accounting data -formal & informal structure	-prices -whom to contact -who has what
Know-how	-skill of how to communicate -problem solving	-recipes of organizing such as Taylorist methods or craft production	-higher-order organizing principles of how to coordinate groups and transfer knowledge	-how to cooperate -how to sell and buy

Fonte: Kogut and Zander, 1992 p.388 (original em Inglês).

⇒ **Nonaka, 1994** - *A dynamic theory of organizational knowledge creation*: trabalho propõe um novo paradigma para a gestão dos aspectos dinâmicos dos processos de criação de conhecimento. Tema central é que o conhecimento organizacional é criado através de um diálogo contínuo entre o conhecimento tácito e explícito. Natureza deste diálogo é examinada pelo autor e quatro padrões de interação envolvendo conhecimento tácito e explícito são identificados. Segue o Quadro 3 abaixo mostrando em formato de grade (*grid*) justamente os modos de criação de conhecimento propostos por Nonaka nesta sua obra.

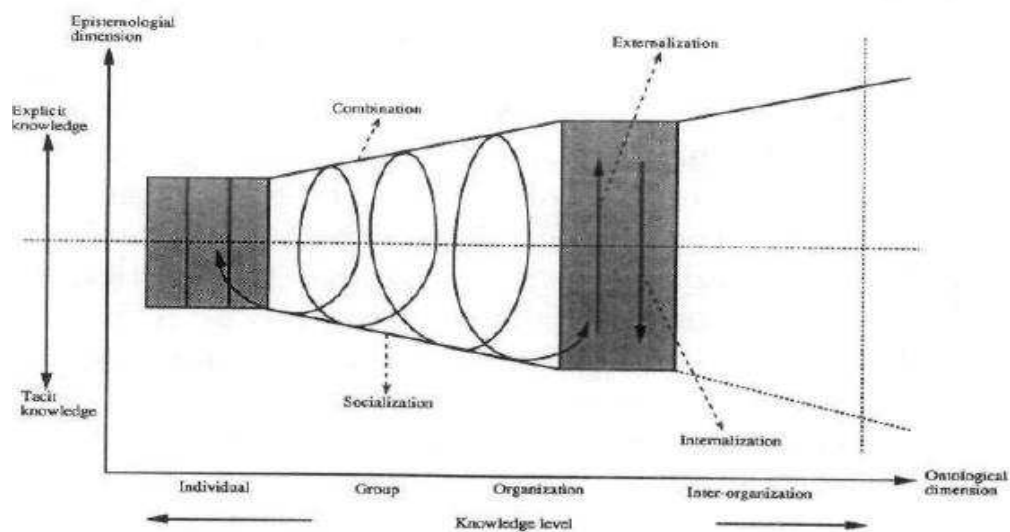
QUADRO 3 - MODOS DE CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO

		Tacit knowledge	To	Explicit knowledge
Tacit knowledge		Socialization		Externalization
	From			
Explicit knowledge		Internalization		Combination

Fonte: Nonaka, 1994 p.19 (original em Inglês).

Argumenta-se que, enquanto os novos conhecimentos são desenvolvidos por indivíduos, organizações desempenham um papel fundamental na articulação e ampliação desse conhecimento. Referencial teórico que é desenvolvido oferece uma perspectiva analítica sobre as dimensões constitutivas da criação do conhecimento. A representação esquemática da espacial de criação de conhecimento organizacional que foi sugerida pelo próprio autor neste artigo consta conforme a Figura 3 a seguir:

FIGURA 3 - ESPERIAL DE CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL



Fonte: Nonaka, 1994 p.20 (original em Inglês).

⇒ **Udo and Kogut, 1995** - *Knowledge and the speed of the transfer and imitation of organizational capabilities*: as capacidades em uma empresa, ou em qualquer organização, residem principalmente nos princípios de organização pelo qual competência individual e funcional é estruturada e coordenada, e comunicada. Empresas são comunidades sociais que usam sua estrutura relacional e sistemas de codificação compartilhados para aumentar a transferência e comunicação de novas habilidades e capacidades. Replicar os novos conhecimentos na ausência de uma comunidade social é difícil. A capacidade de acelerar a transferência interna de uma capacidade de produção para novos mercados (por exemplo, aqueles em outros países) é de fundamental importância em um ambiente competitivo. Na tentativa de acelerar a transferência interna de conhecimento, surge o dilema de que as capacidades que

podem ser facilmente transmitidas dentro da empresa são mais susceptíveis de serem facilmente imitadas pelos concorrentes. Uma maior implicação dos resultados desta trabalho é a proposição de que a transferência e recombinação de capacidades organizacionais são a base de uma teoria evolucionista da empresa.

⇒ **Grant, 1996a** - *Organizational Capability as Knowledge Integration*: o foco deste trabalho é sobre uma única fonte: o conhecimento. Esta ênfase é justificada pela suposição de que, em primeiro lugar, o conhecimento responde pela maior parte do valor adicionado, em segundo, as barreiras para a transferência e replicação do conhecimento dotam-no com importância estratégica. Grant (1996a) define o conhecimento de forma ampla para incluir tanto o conhecimento "explícito", que pode ser escrito, quanto o conhecimento "tácito", que não pode. A ênfase é no conhecimento tácito, uma vez que, sob a forma de "*know-how*", capacidades e "conhecimento prático" dos membros da organização, o conhecimento tácito está intimamente associado com as tarefas de produção, e levanta as questões mais interessantes e complexas sobre a sua transferência dentro e entre organizações. Integração de conhecimento especializado para realizar uma tarefa produtiva discreta é a essência da capacidade organizacional.

⇒ **Grant, 1996b** - *Toward a knowledge-based theory of the firm*: a principal contribuição do trabalho está em explorar os mecanismos de coordenação através do qual as empresas integram o conhecimento especializado de seus membros. Em contraste com a literatura anterior, o conhecimento é visto como residindo dentro do indivíduo, bem como o papel primário da organização é a aplicação do conhecimento ao invés da criação de conhecimento.

⇒ **Spender, 1996** - *Making knowledge the basis of a dynamic theory of the firm*: o conhecimento é um conceito demasiado problemático para tornar fácil a tarefa de construir uma teoria baseada no conhecimento da empresa dinâmica. Devemos também distinguir a teoria das visões baseada em recursos e evolutiva. Se quisermos avançar rumo a uma teoria baseada no conhecimento da empresa dinâmica, é preciso ir além do argumento, até agora, de que o conhecimento organizacional é de dois tipos

estáticos - explícito e tácito - ou de quatro tipos estáticos - consciente, automático, objetivado e coletivo - e que a dinâmica da produção de conhecimento envolve a interação destes, de alguma maneira disciplinada. Seguindo mais abaixo temos inserido o Quadro 4 justamente resumindo estes tipos diferentes de conhecimento organizacional propostos por Spender neste seu artigo analisado neste nosso estudo.

QUADRO 4 - TIPOS DIFERENTES DE CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL

	<i>Individual</i>	<i>Social</i>
<i>Explicit</i>	Conscious	Objectified
<i>Implicit</i>	Automatic	Collective

Fonte: Spender, 1996 p.52 (original em Inglês).

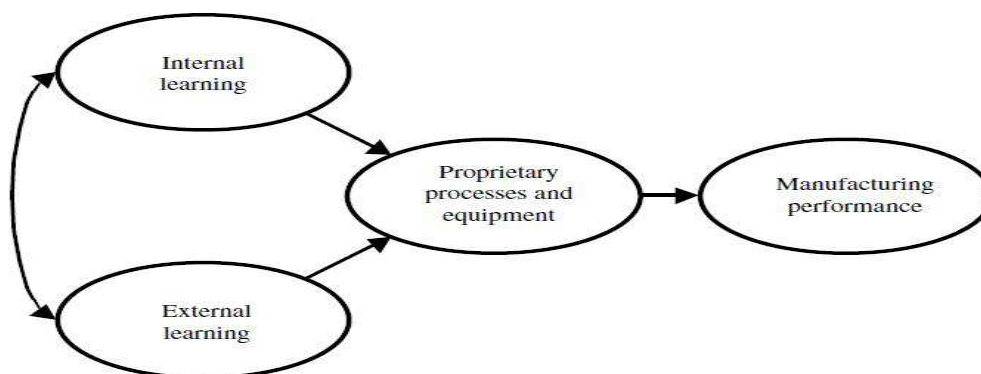
⇒ **Grant, 1997** - *The KBV of the Firm: Implications for Management Practice*: no lado acadêmico, a visão baseada no conhecimento - *Knowledge-Based View (KBV)* - representa uma confluência de várias correntes de pesquisa, as mais proeminentes sendo a teoria baseada em recursos - *Resource-Based Theory (RBT)* - e a epistemologia (o trabalho de Michael Polanyi exercendo uma influência particular). Reconhecimento de que a principal fonte de conhecimento é a experiência e o *know-how* dos colaboradores tem direcionado a atenção para o planejamento e avaliação dos recursos humanos.

⇒ **Argote, 1999** - *Learning Curves*: psicólogos foram os primeiros a descobrir as curvas de aprendizagem, estes pesquisadores focaram no comportamento dos indivíduos e descobriram que o tempo que os indivíduos levam para realizar/executar uma tarefa e o número de erros que eles fazem diminui a uma taxa decrescente devido à experiência adquirida com a tarefa.

⇒ **Schroeder et al., 2002** - *A resource-based view of manufacturing strategy and the relationship to manufacturing performance*: examina a estratégia de produção a partir da perspectiva da visão baseada em recursos - *Knowledge-Based View (KBV)*. Explora

o papel dos recursos e capacidades em plantas de manufatura que não podem ser facilmente duplicados e para os quais substitutos prontos não estão disponíveis. Estes recursos e capacidades são formadas por aprendizagem interna dos funcionários baseada em “*cross-training*” e sistemas de sugestão, aprendizagem externa de clientes e fornecedores, e de processos e equipamentos proprietários desenvolvidos pela empresa. A implicação é que os recursos, tais como equipamentos padrão e os trabalhadores com habilidades genéricas obtidas no mercado de fatores não são tão eficazes para alcançar altos níveis de desempenho da planta, uma vez que estão disponíveis gratuitamente para os concorrentes. Também demonstra o importante papel da aprendizagem interna e externa no desenvolvimento de recursos que são imperfeitamente imitáveis e difícil de duplicarem. Na Figura 4, inserida mais abaixo, está representado o modelo teórico que foi proposto pelos autores deste *paper* também avaliado por nós.

FIGURA 4 - MODELO TEÓRICO



Fonte: Schroeder *et al.*, 2002 p.109 (original em Inglês).

⇒ **Hayes, 2002** - *Challenges posed to operations management by the “New Economy”*: a chamada "Nova Economia" está rapidamente se tornando uma importante força na indústria mundial. Definições exatas do termo são diferentes, mas a maioria inclui a combinação de globalização e de alta tecnologia, onde os principais resultados e ativos produtivos são principalmente intelectuais - informação e "conhecimento" - mais do que físicos. Embora a maior atenção popular tenha se concentrado nas "pontocom" relacionadas com internet, a Nova Economia intensiva em informação é na verdade muito mais ampla. Uma vez que tanto os bens e

"produtos" das companhias são intensivos em conhecimento, sua força de trabalho é muito diferente daquelas das empresas da Velha Economia. O termo "trabalhadores do conhecimento" é geralmente usado para descrever esta nova raça. Embora as definições do termo são diferentes, os trabalhadores do conhecimento - *knowledge workers* - são clamados a constituir-se na componente da força de trabalho de maior crescimento hoje nos EUA e em outros países desenvolvidos.

Evidentemente não esgotamos aqui todos os possíveis enfoques da *Knowledge-Based View (KBV)*, uma vez que este estudo está focado mais objetivamente numa avaliação bibliométrica exclusivamente limitada aos artigos publicados com a abordagem da *KBV* nos 3 (três) periódicos internacionais (*JOM*, *POM* e *IJOPM*) voltados para publicações centradas na área de Gestão de Operações.

3 BIBLIOMETRIA

As diversas áreas do saber, em situação de maior ou menor desenvolvimento, passam por um processo de avaliação do conhecimento produzido, o que não é recente no ambiente acadêmico. Dentre as várias óticas sob as quais se podem avaliar aspectos relativos à produção científica, tais como: a metodológica, a epistemológica, a teórica, a paradigmática, a técnica, a bibliométrica e outras; Campos (2003) assegura que os indicadores bibliométricos têm a prerrogativa de avaliar periódicos, textos científicos ou até mesmo a produção científica de uma área específica ou de um grupo de pesquisadores.

Como conceitua Tague-Sutcliffe (1992),

Bibliometria é o estudo dos aspectos quantitativos da produção, da disseminação e do uso da informação registrada. Usada pela primeira vez por Pritchard, em 1969, a bibliometria desenvolve padrões e modelos matemáticos para medir esses processos, usando seus resultados para elaborar previsões e apoiar tomadas de decisão.”

Já Carrizo-Sainero (2007) apresenta três hipóteses como necessárias para formular o conceito de Bibliometria, a saber:

- I. Bibliometria encontra suas raízes epistemológicas na produção bibliográfica e, como aplicação desta;

- II. Bibliometria, como a aplicação de Bibliografia, constitui um fator de mensuração e avaliação de fontes de informação;
- III. Bibliometria consiste num método ou conjunto de métodos que podem ser empregados para avaliar a pesquisa.

Enquanto isso, Guedes e Borschiver (2005, p. 15) tratam a bibliometria como uma ferramenta estatística capaz de mapear e gerar diversos indicadores de produtividade, de tratamento e gestão da informação e do conhecimento, sobretudo em sistemas de informação e de comunicação.

Por outro lado, Vanti (2002) e Guedes e Borschiver (2005), confirmam o caráter essencialmente quantitativo dos estudos bibliométricos em seus conceitos e acrescentam que os resultados obtidos funcionam como ferramenta para análise do comportamento dos pesquisadores na elaboração da produção científica, além de contribuir no processo decisório de gestão da informação e do conhecimento.

Os estudiosos da ciência da informação desenvolveram algumas metodologias específicas para realização da análise bibliométrica da produção científica. Essas metodologias ficaram conhecidas como “leis bibliométricas” e as principais, segundo Tague-Sutcliffe (1992), estão resumidas no Quadro 5 montado pelo autor e inserido a seguir - ao lado de algumas aplicações práticas dessas mesmas leis, destacadas por Guedes e Borschiver (2005).

QUADRO 5 - “LEIS BIBLIOMÉTRICAS” SEGUNDO TAGUE-SUTCKIFFE (1992) E RESPECTIVAS APLICAÇÕES PRÁTICAS DESTACADAS POR GUEDES E BORSCHIVER (2005)

<u>Denominação da LEI</u> - Tague-Sutcliffe (1992)	<u>Significado da LEI</u> - Tague-Sutcliffe (1992)	<u>Aplicações práticas da LEI</u> - Guedes e Borschiver (2005)
Lei de Lotka ou Lei do Quadrado Inverso	tem foco na mensuração da produtividade dos pesquisadores, tendo por base um modelo de distribuição tamanho-freqüência dos vários pesquisadores em um conjunto de documentos. Essa lei considera que alguns pesquisadores, supostamente	aplica-se principalmente na avaliação da produtividade de pesquisadores e no reconhecimento de centros de pesquisa mais desenvolvidos.

	de maior prestígio em uma determinada área do conhecimento , produzem muito e muitos pesquisadores, supostamente de menor prestígio, produzem pouco.	
Lei de Bradford ou Lei de Dispersão	relaciona-se com a dispersão da literatura periódica científica, por meio da avaliação da produtividade dos periódicos e do estabelecimento de núcleos e áreas de dispersão sobre um dado assunto em um mesmo grupo de periódicos.	encontra utilidade no desenvolvimento de políticas de aquisição e descarte de periódicos em sistemas de gestão da informação.
Leis de Zipf ou Lei do Mínimo Esforço	referem-se à mensuração da frequência de ocorrência de palavras em um determinado texto, que gera uma lista ordenada de termos de uma disciplina ou assunto e enseja a indexação temática automática.	vêm sendo utilizadas na identificação de estilos distintos de autores e na elaboração de textos científicos e técnicos.

Fonte: montado pelo autor.

Além das leis bibliométricas já enumeradas, Guedes e Borschiver (2005) citam ainda os estudos baseados na Análise de Citações. Essa metodologia considera que a citação é um indicador relevante de influência de um trabalho em relação a outros, o que pode revelar algumas vinculações intelectuais. A Análise de Citações permite ainda identificar diversas outras características das referências bibliográficas que serviram de base para a elaboração de textos científicos e técnicos.

4 METODOLOGIA

Quanto aos objetivos, a pesquisa é classificada como descritiva. Esse tipo de pesquisa preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, sem a interferência do pesquisador (ANDRADE, 2002).

Em relação aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa do tipo levantamento. Segundo Martins e Théophilo (2007), os levantamentos costumam ser utilizados quando se pretende responder questões relativas à distribuição de uma variável ou relações entre características de elementos em suas condições normais.

Lembrando-se também da obra recente de Miguel e outros (2010) onde estes autores comentam que Boyer e Swink (2008) lembram, em um artigo recente de ambos, que “... o estudo na gestão de operações é uma ciência social, e a pesquisa a ele relacionada deve estudar os processos empresariais com o objetivo de desenvolver teorias para entendê-los” (MIGUEL *et. al.*, 2010, p.63).

Ainda nesta mesma obra, estes mesmos autores utilizam, para o levantamento dos métodos de pesquisa adotados na engenharia de produção e gestão de operações, a tipologia de Filippini (1997) que divide os artigos com pesquisa de campo (exame de dados empíricos) em sete categorias. A sétima e última categoria denomina-se teórico/conceitual e refere-se justamente às discussões conceituais a partir da literatura, revisões bibliográficas e modelagens conceituais (MIGUEL *et. al.*, 2010, p. 64-65).

Posto isto, faz-se oportuno lembrar que, para a execução do presente estudo, os dados aqui apresentados se referem exclusivamente aos artigos publicados nos três periódicos internacionais da área de Gestão de Operações, discriminados na Tabela 1 abaixo.

TABELA 1 – DEFINIÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA – PREPARADA PELO AUTOR

<u>Periódico</u>	<u>Editor</u>	<u>ISSN</u>	<u>Periodicidade</u>	<u>Período analisado</u>	<u>Anos (Completos)</u>	<u>FDI/FI/ JFI via JCR do Thomson Reuters base 2010</u>	<u>Conceito Qualis /CAPES (ano base 2008)</u>
<i>International Journal of Operations & Production Management (IJOPM)</i>	Emerald Group Publishing Ltda	0144-3577	mensal (12 edições/ano)	1994 – presente / 2010	15	1.812	A1
<i>Journal of Operations Management (JOM)</i>	Elsevier Science Limited	0272-6963	bimestral (6 edições/ano)	1995 – presente / 2010	14	5.093	A1
<i>Production and Operations Management</i>	Production and Operations	1059-1478	trimestral (4 edições/ano)	2002 - presente /	8	1.851	A1

(POM)	Management Society (POMS)			2010 (Embargo: 1 ano)			
-------	---------------------------	--	--	--------------------------	--	--	--

Contudo, para a seleção efetiva dos artigos foi elaborada uma pequena lista de palavras-chave tomando como base a orientação recebida do próprio professor desta disciplina (Professor Ely Laureano Paiva):

4.1 KBV, KNOWLEDGE-BASED VIEW e KNOWLEDGE ORGANIZATION

A base de dados utilizada está disponível no acervo digital (BKAB - RECURSOS DE PESQUISA) da **Biblioteca Karl A. Boedecker (SP)** que foi criada em 1954 com o objetivo de fornecer apoio bibliográfico às atividades de ensino e pesquisa, desenvolvidas pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) da Fundação Getúlio Vargas. O acervo é especializado nas áreas de Administração, Economia, Negócios, Direito e Ciências Sociais. Utiliza o sistema informatizado de gerenciamento de bibliotecas VTLS - VIRTUA, que contempla as principais funções de uma Biblioteca, possibilitando consulta, empréstimo e reservas via Web. Segue logo como ilustração, a Figura 5 com as TELAS acessadas via LINK: <http://www.gv.br/biblioteca/pubeletronicas.cfm> - para busca dos artigos que foram pesquisados nos referidos periódicos.

FIGURA 5 - TELAS ACESSADAS

The screenshot displays the website of the Biblioteca Karl A. Boedecker (SP). The main content area is titled 'Publicações eletrônicas' and lists several databases. Two items are highlighted with red boxes: 'EBSCO - Business Source Complete (substitui a EBSCO - Business Source Premier)' and 'A to Z - lista de periódicos eletrônicos'. The page also features a sidebar with navigation options and a 'Destaques' section with various database links.

Fonte: via LINK: <http://www.gv.br/biblioteca/pubeletronicas.cfm>

Verificou-se a presença dos termos acima listados apenas nos campos do título do artigo, no resumo (*Abstract*) e nas palavras-chave (*Keywords*). O instrumento utilizado para coleta e análise dos artigos foi um banco de dados criado em planilha Microsoft Excel, tendo como base o título do artigo, a categoria/tipo, temática e método de pesquisa, o(s) autor(es), o volume, o número/mês, o ano de publicação, o ISSN, o editor, o período disponível, o resumo (*Abstract*), o tamanho do arquivo em Kb e a palavra-chave pesquisada.

Uma vez tabulado e sistematizado todos os dados (com seus respectivos campos) dos artigos encontrados nos três periódicos focados nesta pesquisa - vide Tabela 2 abaixo – e após filtro aplicado conforme palavras-chave eleitas dentro do banco de dados criado partiu-se, então, para a seleção final destes artigos.

TABELA 2 – SUMÁRIO DA QUANTIDADE DE ARTIGOS ENCONTRADOS SEM FILTRO, COM FILTRO E COM CORTES PARA CADA PALAVRA-CHAVE E POR PERIÓDICO (JÁ INCLUSO O FI/FDI/JIF VIA JCR DO THOMSON REUTERS)

PERIÓDICOS	FATOR DE IMPACTO (JIF - Journal Impact Factor) via JCR (Journal Citation Report)	FATOR DE IMPACTO - 5 YEAR JIF - Journal Impact Factor via JCR	TOTAL GERAL FINAL	QTD. ARTIGOS ENCONTRADOS											
				PALAVRA CHAVE USADA				PALAVRA CHAVE USADA				PALAVRA CHAVE USADA			
				<i>KBV</i>				<i>KNOWLEDGE-BASED VIEW</i>				<i>KNOWLEDGE ORGANIZATION</i>			
				SEM FILTRO	COM FILTRO	COM CORTES	TOTAL	SEM FILTRO	COM FILTRO	COM CORTES	TOTAL	SEM FILTRO	COM FILTRO	COM CORTES	TOTAL
IJOPM	1.435 (2009)	1.946 (2009)	12	0	0	0	0	753	5	5	5	23	12	7	7
JOM	3.238 (2009)	4.178 (2009)	10	9	1	1	1	459	8	6	6	599	10	3	3
POM	2.080 (2009)	2.806 (2009)	6	0	0	0	0	5	5	3	3	0	4	3	3
		SOMA GERAL...>	28	9	1	1	1	1.217	18	14	14	622	26	13	13

Fonte: montado pelo autor.

Com base no critério de corte, numa primeira etapa, da possível duplicidade de qualquer dos artigos previamente filtrados e, num segundo momento, da provável não abordagem plena, por alguns dos artigos restantes, do tema de pesquisa realmente focado em pelos menos uma das palavras-chave - *KBV*, *KNOWLEDGE-BASED VIEW* e *KNOWLEDGE ORGANIZATION* – cuidadosamente selecionadas para este trabalho.

Os artigos finalmente identificados constituíram a amostra deste estudo, sendo examinados nas seguintes variáveis: ano dos trabalhos publicados, número de autores, categoria/tipo, temática e método de pesquisa dos trabalhos.

Vale ressaltar que, não só por simplificação, mas também por padronização, decidiu-se tomar como referência as classificações ajustadas pelos autores Miguel e outros (2010), pois elas guardam semelhanças, para só então classificarmos a amostra final dos artigos tanto pelo seu tipo (tipologia) de pesquisa, quanto pela sua ocorrência dos métodos de pesquisa (MIGUEL *et al.*, 2010 67-71) – vide Quadro 6 montado pelo autor logo abaixo.

QUADRO 6 - CLASSIFICAÇÃO COM AJUSTE SIMPLES DA CATEGORIA/TIPO E DO MÉTODO DE PESQUISA - (MIGUEL ET AL., 2010 67-71)

<p>Classificação do tipo (tipologia) de pesquisa - (Miguel <i>et al.</i>, 2010 67-69)</p>	<p>⇒ Modelagem e métodos analíticos (modelagem ou simulação); ⇒ Pesquisa empírica (<i>Survey</i>, Estudo de Caso e Experimento); ⇒ Teórico-conceitual (Revisão de literatura e artigos conceituais)</p>
<p>Classificação do método de pesquisa - (Miguel <i>et al.</i>, 2010 69-71)</p>	<p>⇒ Estudo de caso; ⇒ <i>Survey</i>; ⇒ Outros (Experimento, Pesquisa/Estudo de campo, Pesquisa qualitativa, Pesquisa com dados secundários)</p>

Fonte: montado pelo autor.

Além destes 28 artigos pesquisados nestas ditas fontes, temos também mais 4 (quatro) livros apoiando esta investigação bibliográfica.

5 RESULTADOS DA PESQUISA

Foram analisados neste trabalho o total de 28 artigos conforme distribuição, por palavra-chave e respectivos periódicos, já apresentada no Tabela 2 acima.

Os primeiros dados consolidados na Tabela 3 um pouco mais abaixo, nos mostram que, do período inicialmente analisado (de 1994 até a presente data – até 15 anos completos), os artigos finais da amostra concentram-se numa faixa um pouco menor que começa efetivamente somente em 1999 e chega até o ano atual de 2010 (11 anos completos). O ano de maior concentração de artigos publicados está em 2007 com 21,4% (6 dos 28), seguido pelos anos de 2003 e 2010 – veja que ambos estão com os mesmos 14,3% das publicações - e logo

depois pelos anos de 2006 e 2008, onde cada um soma 4 artigos publicados, o que corresponde aos 10,7% do total de 28 da amostra final. Não constam artigos, pelo menos com o conteúdo das palavras-chave pesquisadas, no período de 1994 a 1998 e nem nos anos de 2002 e 2004.

TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DOS ARTIGOS POR ANO DE PUBLICAÇÃO

PERIÓDICOS	ANO																		F	f	fac
	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010				
IJOPM						1		2		2			2	1	1	1	2	12	42,9%	42,9%	
JOM							1			1			1	2	2	1	2	10	35,7%	78,6%	
POM										1		2		3				6	21,4%	100,0%	
F	0	0	0	0	0	1	1	2	0	4	0	2	3	6	3	2	4	28	100,0%		
f	0	0	0	0	0	3,6%	3,6%	7,1%		14,3%		7,1%	10,7%	21,4%	10,7%	7,1%	14,3%	100,0%			
fac	0	0	0	0	0	3,6%	7,1%	14,3%		28,6%		35,7%	46,4%	67,9%	78,6%	85,7%	100,0%				

Fonte: montado pelo autor.

Já os próximos dados da Tabela 4 revelam uma quantidade máxima de 6 (seis) autores por artigo e um único artigo apareceu, representando apenas 3,6% da amostra. Contudo a maior parte dos trabalhos (42,9%) foi assinada por somente 2 (dois) autores. Os artigos com até 3 (três) autores representam 82,1% da amostra aqui analisada. De maneira geral, a média de autores por artigo para esta amostragem é de 2,79.

TABELA 4 – QUANTIDADE DE AUTORES - PREPARADA PELO AUTOR

PERIÓDICOS	QUANTIDADE DE AUTORES por ARTIGO						F	f	fac
	1 autor	2 autores	3 autores	4 autores	5 autores	6 autores			
IJOPM	1	5	4	2			12	42,9%	42,9%
JOM		5	3	1	1		10	35,7%	78,6%
POM		2	3			1	6	21,4%	100,0%
F	1	12	10	3	1	1	28	100,0%	
f	3,6%	42,9%	35,7%	10,7%	3,6%	3,6%	100,0%		
fac	3,6%	46,4%	82,1%	92,9%	96,4%	100,0%			
<i>Total de Autores</i>							78		
<i>Média de Autores por Artigo</i>							2,79		

Fonte: montado pelo autor.

Agora vamos avaliar os artigos na Tabela 5 quanto à sua tipologia de pesquisa conforme padronizamos no Quadro 6 - que consta da Metodologia mais acima.

TABELA 5 – Classificação do tipo (tipologia) de pesquisa - (Miguel *et al.*, 2010 67-69)

Classificação do tipo (tipologia) de pesquisa - (Miguel et al., 2010 67-69) -						
PERIÓDICOS	Modelagem e métodos analíticos (modelagem ou simulação)	Pesquisa empírica (Survey, Estudo de Caso e Experimento)	Teórico-conceitual (Revisão de literatura e artigos conceituais)	F	f	fac
IJOPM		11	1	12	42,9%	42,9%
JOM		10		10	35,7%	78,6%
POM		5	1	6	21,4%	100,0%
F	0	26	2	28	100,0%	
f	0,0%	92,9%	7,1%	100,0%		
fac	0,0%	92,9%	100,0%			

Fonte: montado pelo autor.

Vemos claramente uma forte concentração de 92,9% (26 do total de 28 artigos publicados) para a classificação do tipo de pesquisa como sendo a Pesquisa empírica a preferida pela grande maioria dos autores presentes nesta amostra analisada.

Para finalizar, abordaremos neste momento, através de mais uma tabela (a Tabela 6), como ficou a ocorrência em geral, nestes artigos desta amostragem, dos métodos de pesquisa preferencialmente aplicados pelos respectivos autores.

TABELA 6 – CLASSIFICAÇÃO DOS MÉTODOS DE PESQUISA - (MIGUEL ET AL., 2010 67-69)

Classificação do método de pesquisa - (Miguel et al., 2010 69-71) -						
PERIÓDICOS	Estudo de caso	Survey	Outros (Experimento, Pesquisa/Estudo de campo, Pesquisa qualitativa, Pesquisa com dados secundários)	F	f	fac
IJOPM	4	3	5	12	42,9%	42,9%
JOM		7	3	10	35,7%	78,6%
POM	2	1	3	6	21,4%	100,0%
F	6	11	11	28	100,0%	
f	21,4%	39,3%	39,3%	100,0%		
fac	21,4%	60,7%	100,0%			

Fonte: montado pelo autor.

Encontramos uma frequência idêntica de 39,3% (11 artigos em 28 para cada um) tanto para o *Survey* quanto para a classificação de Outros – que incluem também Experimento, Pesquisa/Estudo de campo, Pesquisa qualitativa, Pesquisa com dados secundários -. Logo, por exclusão, vemos o Estudo de Caso aparecendo em segundo lugar com 21,4% da preferência do grupo de autores avaliados neste estudo.

6 CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E FUTURAS PESQUISAS

Concluindo, podemos afirmar que esta presente pesquisa de natureza descritiva teve como objetivo central analisar os trabalhos científicos cujo tema central abordado fosse a Visão Baseada em Conhecimento (VBC) - ou do inglês, mais conhecido, *Knowledge-Based View* (KBV) - apresentados nos 3 (três) periódicos internacionais de publicações com foco acadêmico voltadas para a área de Gestão de Operações (JOM, POM e IJOPM) e que também estão classificados tanto com os mais significativos fatores de impacto - FDI/FI ou *Journal Impact Factor* (JIF) base 2009 - de periódicos científicos indexados ao *Journal of Citation Report* (JCR) do Thomson Reuters, quanto com os melhores parâmetros da CAPES - o Qualis Internacional categoria A1.

Os principais resultados da amostra final contendo 28 artigos analisados revelam que:

1. Os artigos finais da amostra concentram-se num período de 11 anos, quatro anos menor do que o universo efetivamente pesquisado de até 15 anos;
2. a maioria dos trabalhos tinha 2 (dois) autores e ainda que 82,1% dos trabalhos eram de até 3 (três) autores.
3. os tipos de pesquisa mais adotados foram a empírica com 92,9% (26) do total, nenhuma de modelagem e métodos analíticos e restando os 7,1% (2) para o tipo teórico-conceitual;
4. os métodos de pesquisa preferidos ficaram igualmente distribuídos – 39,3% ⇔ 11 artigos para cada um - entre o *Survey* e Outros (que incluem Experimento, Pesquisa/Estudo de campo, Pesquisa qualitativa, Pesquisa com dados secundários) e o método de Estudo de Caso ficou na segunda posição com os 21,4% (6) restantes.

Como limitações da pesquisa, assume-se que a amostragem por ser intencional e não probabilística, invalida o caráter de inferência da pesquisa para outros periódicos. Outra limitação refere-se à desconsideração das características das referências bibliográficas deles, que não foi o objetivo deste trabalho. Contudo, os dados serviram para traçar padrões de produtividade dos autores nos referidos veículos de publicação analisados, que eram voltados para a área de Gestão de Operações com a abordagem direcionada para o tema central da Visão Baseada em Conhecimento (VBC) - ou do inglês, mais conhecido, *Knowledge-Based View (KBV)*.

Como recomendação para futuras pesquisas, pode-se sugerir a investigação em outros períodos internacionais com fatores de impacto - *FDI/FI* ou *Journal Impact Factor (JIF)* - e Qualis CAPES semelhantes, e talvez até alguns nacionais com Qualis CAPES do mesmo nível (se houver), não só da área de gestão operações, mas também outras áreas de pesquisa do interesse dos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções básicas**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ARGOTE, L. **Organizational Learning: Creating, Retaining and Transferring Knowledge**. Kluwer Academic Publishers, Boston, MA, 1999.

ARTHUR, W. B. Competing Technologies, Increasing Returns, and Lock-in by Historical Events. **Economic Journal**, v. 99, p. 116–31, 1989.

BARNEY, J. B. Strategic Factor Markets: Expectations, Luck and Business Strategy. **Management Science**, v. 32, p. 1512–14, 1986.

BARNEY, J. B., CLARK, D. N. **Resource-Based Theory - Creating and Sustaining Competitive Advantage**. Oxford University Press, 2007.

BARNEY, J.B. Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of Management**, v. 17, n. 1, p. 99–120, 1991.

CAMPOS, M. Conceitos atuais em bibliometria. **Arquivos Brasileiros Oftalmologia**, v. 66, n. 1, p. 1-22, 2003.

CARRIZO-SAINERO, G. Toward a concept of bibliometrics. Madrid: Universidad Carlos III. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/multidoc/publicaciones/journal/pdf/bibliometria-eng.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2010.

DIERICKX, I. and COOL, K. Asset Stock Accumulation and Sustainability of Competitive Advantage. **Management Science**, v. 35, p. 1504–11, 1989.

-
- GRANT, R.M. Prospering in dynamically-competitive environments: organizational capability as knowledge integration. **Organization Science**, v. 7, n. 4, p. 375–387, July-August, 1996a.
- GRANT, R.M. The knowledge based view of the firm: implications for management practice. **Long Range Planning**, v. 30, n. 3, p. 450–454, 1997.
- GRANT, R.M. Toward a knowledge based theory of the firm. **Strategic Management Journal**, v. 17, p. 109–122, Winter special issue, 1996b.
- GUEDES, V. L. S.; BORSCHIVER, S., 2005. **Bibliometria**: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/VaniaLSGuedes.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2010.
- HAYES, R.H. Challenges posed to operations management by the ‘New Economy’. **Production and Operations Management**, v. 11, n. 1, p. 21–32, 2002.
- HULT, G. T.; KETCHEN, JR., D. J.; CAVUSGIL, T. F. Knowledge as a strategic resource in supply chains. **Journal of Operations Management**, v. 24, p. 458–475, 2006.
- HULT, G. T.; KETCHEN, JR., D. J.; CAVUSGIL, T. F. Knowledge as a strategic resource in supply chains. **Journal of Operations Management**, v. 24, p. 458–475, 2006.
- HULT, G.T.M., KETCHEN Jr., D.J., NICHOLS Jr., E.L. An examination of cultural competitiveness and order fulfillment cycle time within supply chains. **Academy of Management Journal**, v. 45, n.3, p. 577–586, 2002.
- HULT, G.T.M., KETCHEN Jr., D.J., Slater, S.F. Information processing, knowledge development, and strategic supply chain performance. **Academy of Management Journal**, v. 47, n. 2, p. 241–253, 2004.
- KOGUT, B., ZANDER, U. Knowledge of the firm, combinative capabilities and the replication of technology. **Organization Science**, v. 3, n. 3, p. 383–397, 1992.
- MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007. 225 p.
- MIGUEL, P.A.C. (Organizador) et al. **Metodologia de Pesquisa em Engenharia da Produção e Gestão de Operações**. Rio de Janeiro: Campus Elsevier ABEPRO, 2010.
- NONAKA, I. A dynamic theory of organizational knowledge creation. **Organization Science**, v. 5, n.1, p. 14–37, 1994.
- PAIVA, E. L., CARVALHO JR.,J.M. e FENSTERSEIFER, J.E. **Estratégia de Produção e de Operações**. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2009.
- RUMELT, R. Towards a Strategic Theory of the Firm, in R. Lamb (ed.), *Competitive Strategic Management*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1984.

SCHROEDER, R.G., BATES, K.A., JUNTILA, M.A. A resource-based view of manufacturing strategy and the relationship to manufacturing performance. **Strategic Management Journal**, v. 23, n. 2, p. 105–117, 2002.

SPENDER, J.C. Making knowledge the basis of a dynamic theory of the firm. **Strategic Management Journal**, v. 17, p. 45–62, Winter special issue, 1996.

TAGUE-SUTCKIFFE, J. An introduction to informetrics. **Information Processing & Management**, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992.

UDO, Z., KOGUT, B. Knowledge and the speed of the transfer and imitation of organizational capabilities: an empirical test. **Organization Science**, v. 6, n.1, p. 76–92, 1995.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**. Brasília, v.31, n. 2, p. 152-162, 2002.

WERNERFELT, B. A resource-based view of the firm. **Strategic Management Journal**, v. 5, p. 171–180, 1984.

WERNERFELT, B. Product development resources and the scope of the firm. **Journal of Marketing**, v. 69, n.2, p. 15–23, 2005.